

Ensaio sobre "DELÍRIO BELGA" de Andrea França.

Delírio Belga, o nome do curta-metragem dirigido por Andréa França, era uma expressão que circulava no Rio de Janeiro a partir dos preparativos que ocorriam na cidade para receber a visita dos Reis Belgas Alberto I e Elizabeth em setembro de 1920. Junto dos soberanos, veio também uma comitiva numerosa composta por outros nobres, militares e os devidos subalternos que trabalhavam para as autoridades presentes na viagem. Dentre essa comitiva, dois sargentos do exército belga trouxeram suas câmeras e se tornaram os cinegrafistas oficiais da coroa. É a partir desses dois olhares estrangeiros que a diretora consegue fazer do documento uma janela para o Rio de Janeiro de ontem e de hoje.

Para termos ideia do impacto que a vinda dos soberanos belgas causava na imaginação pública da então capital da república, em um artigo sem autor especificado, o Jornal do Brasil anunciava que no dia 19 de setembro de 1920 ocorria um evento que ficaria "... assinalado na história do nosso país, a par de fatos culminantes, como a independência, a abolição e o advento da República". O artigo era escrito na data de chegada ao Rio de Janeiro dos dois ilustres visitantes. A primeira guerra mundial há pouco terminara e Alberto I foi um dos seus heróis devido a sua participação direta nos campos de batalha durante a invasão alemã ao seu país (invasão cujo primeiro país a protestar internacionalmente foi justamente o Brasil). Após o confronto, ele ficaria conhecido mundialmente pelas alcunhas de "Rei-Soldado" e "Rei-Herói". A vinda do casal, os primeiros governantes de um país europeu a visitar o Brasil republicano, cumpria um convite feito na convenção de Versalhes pelos enviados brasileiros ao encontro. Entre eles, estava o chefe da delegação - e presidente do país na ocasião da visita - Epitácio Pessoa. O que mais chama a atenção no trecho citado é, segundo a opinião do jornalista, a grandiosa posição de destaque que a vinda dos reis belgas deveria ocupar para a posteridade.

Com a visita, era consenso dentre as elites locais que essa intensa vida cultural e suas instituições deveriam representar não só a sede do poder nacional como também a imagem de uma nação.

Suas ruas, casas e, principalmente, seus habitantes, eram vistos por muitos como os elementos responsáveis pela impressão e julgamento dos nobres visitantes em relação a nossa inserção na moderna civilização industrial.

O esforço de fazer com que os reis passassem os dias no Rio de Janeiro como se estivessem passando seus dias em uma moderna cidade "européia" condizia com as políticas públicas da República Velha em relação à ocupação do espaço urbano e à definição dos seus usos pelos diferentes grupos sociais que habitavam a cidade carioca. O ímpeto reformador do prefeito da época, o engenheiro Carlos Sampaio, reativava a urbanização da Zona Sul e do centro da cidade, atualizando no debate público temas caros para a população como as reformas urbanas e os discursos higienistas com sua retórica racial-médico-moral. Nesse contexto, nada melhor do que a visita de um representante da nobreza europeia para por à prova o quilate da civilização que era levada a cabo nos trópicos a duras penas pelas nossas elites dirigentes.

A questão principal para o recente Estado republicano era justamente definir quais populações, espaços, práticas e representações socioculturais deveriam fazer parte de um Brasil "moderno e civilizado", superando a "cidade pocilga", ou seja, os espaços onde ex-escravizados e seus descendentes habitavam ou circulavam em uma cidade como o Rio de Janeiro. Tanto nosso progresso quanto nossas mazelas estariam expostos, segundo o mote irônico presente em diversos artigos e charges da época, "Para o Rei Alberto ver".

Em um editorial de 25 de Setembro a revista *Careta* concorda com essa perspectiva, afirmando que a visita abria "... uma nova era em nossa história" e que, a partir de então, seus livros trariam obrigatoriamente o capítulo "Da visita do Rei Alberto até...".¹

No filme de Andréa França vemos a confirmação de tal comoção ao constatarmos os eventos concorridos por parte da população - seja ela formada pela elite local, sejam populares alijados da vitrine federal montada pelos governos de então - em pontos-chaves da capital, como o Palácio Monroe, O Derby (na região do Maracanã), a Garden Party no Palácio do Catete, a Parada Atlética no estádio das Laranjeiras ou o quente e caótico evento na Quinta da Boa Vista.

A importância e o destaque que a visita atingiu na época causaram uma verdadeira comoção popular na cidade do Rio de Janeiro. A expressão "delírio belga" surge aí, ao ser popularizada pelo *Correio da Manhã* durante os meses anteriores da visita. Como demonstra a pesquisa acurada do filme, mesmo antes da chegada de Alberto e Elizabeth, o assunto tornou-se cotidiano dos meios de comunicação. Diversas empresas e lojas utilizavam a visita como mote para propaganda de seus produtos. Nos meses de agosto e setembro, livros de luxo eram publicados trazendo a história da Bélgica, a biografia da Família Real e outros temas correlatos. Cartões postais com a imagem do Rei eram vendidos nas melhores casas do ramo no centro da cidade e não havia um único dia que a imprensa carioca deixasse de falar sobre o assunto através de crônicas, editoriais, colunas e charges.

No período em que os reis e sua comitiva deslumbravam uma elite local afrancesada e ligada ao poder público, o Rio de Janeiro era o principal centro de produção cultural e decisões políticas do país. A cidade, que seria o porto de chegada dos reis e o local de hospedagem (eles ainda iriam a Minas Gerais e São Paulo), tinha mais de um milhão de habitantes que misturavam brasileiros, descendentes de africanos, portugueses e imigrantes em geral. Sua vida cultural urbana se dinamizava espalhando-se entre 50 cinemas, 24 jornais diários, 20 revistas semanais e 17 mensais, além de dezenas de livrarias.

¹ *Careta*, coluna "Looping the Loops", 25 de setembro de 1920, n.640.

Junto à trilha inteligente de Gabriel Falcão, o filme se torna uma espécie de investigação do que está estruturalmente apagado - o racismo, o horror aos populares e os abandonos sociais. Uma leitura à contrapelo sobre o evento que história brasileira nunca mais esquecerá.

E é justamente por ter sido incrivelmente esquecido que Delírio Belga tem hoje seu mais importante papel. Traz de volta um evento fundamental para entendermos como um Brasil se projetou para o mundo através de acordos comerciais e intenções cosmopolitas e, ao mesmo tempo, inaugurou a modalidade epidérmica de fazer de uma cidade complexa e desigual como o Rio de Janeiro o palco de um jogo de aparências. Arquivos, porém, sempre podem ser reinventados, bastando que se mudem as perguntas. E Delírio Belga é a prova dessa transformação através da força do cinema.

FRED COELHO

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutorado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Publicou diversos livros, artigos e obras organizadas. Além disso, trabalhou como pesquisador e redator para documentários, sítios eletrônicos, editoras e instituições culturais. Entre 2008 e 2010 atuou como colaborador na coordenação dos cursos do Pólo de Pensamento Contemporâneo do Rio de Janeiro. Em 2009 tornou-se curador-assistente de artes visuais do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), onde ficou até julho de 2011. Desde agosto de 2014, é Professor Adjunto dos cursos de Literatura e Artes Cênicas e da Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) do Departamento de Letras da PUC-Rio. Foi Coordenador da graduação de Artes Cênicas entre 2001 e 2013 e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio entre 2017 e 2019. Atualmente é Diretor do Museu Universitário Solar Granjean de Montigny da PUC-Rio.

Cabia ao Estado zelar pelo seu projeto civilizatório, cumprindo um ritual rigoroso de eventos e festividades que dessem conta desse objetivo. Esse embate entre duas representações bem distintas da cidade do Rio de Janeiro e de suas manifestações culturais era latente e, frente à visita, ficava diariamente público. Afinal, qual seria o Brasil que deveria ser mostrado para os reis belgas? O Brasil "oficial", representado nos eventos e homenagens do governo federal e municipal e cada vez mais inclinado para uma falsa europeização dos hábitos cariocas e da cultura brasileira como um todo, ou o Brasil "das ruas", dos subúrbios e dos intelectuais boêmios formados no espaço público carioca, cada vez mais popular e mestiço?

Ambos, estavam vivos e atuantes no dia a dia do Rio de Janeiro em 1920. O Brasil "oficial", representado nos eventos e homenagens do governo federal e municipal e cada vez mais inclinado para uma falsa europeização dos hábitos cariocas e da cultura brasileira como um todo, ou o Brasil "das ruas", dos subúrbios e dos intelectuais boêmios formados no espaço público carioca, cada vez mais popular e mestiço? Ambos, estavam vivos e atuantes no dia a dia do Rio de Janeiro em 1920.

Em meio ao fluxo impressionante de imagens oficiais dos cinegrafistas belgas, o filme de Andréa França consegue reconstruir esse contraste. Através da edição e de leituras atentas de frames e fotografias, a diretora atualiza o que se esconde (ou supostamente não deveria ser visto) dentre aquilo que as lentes de 1920 registravam. Repensando o arquivo a partir das perguntas contemporâneas, *Delírio Belga* desvela o fundo "invisível" que atravessa o samba da película e revela justamente o que a perspectiva governamental brasileira tentava esconder.